

# *CONTATO ENTRE LÍNGUAS NA FRONTEIRA BELA VISTA (BRASIL) - BELLA VISTA NORTE (PARAGUAI): A INFLUÊNCIA DO ESPANHOL E DO GUARANI NO PORTUGUÊS BELA-VISTENSE*

CONTACT BETWEEN LANGUAGES ON THE BELA VISTA (BRAZIL) - BELLA VISTA NORTE (PARAGUAI) BORDER: THE INFLUENCE OF SPANISH AND GUARANI IN PORTUGUESE BELA-VISTENSE

CONTACTO ENTRE IDIOMAS EN LA FRONTERA BELA VISTA (BRASIL) - BELLA VISTA NORTE (PARAGUAY): LA INFLUENCIA DEL ESPAÑOL Y GUARANI EN EL PORTUGÉS BELA-VISTENSE

Cleriston Raíque Jara da Costa<sup>1</sup>

**Resumo:** O objetivo deste artigo consiste em investigar a influência do espanhol e do guarani no português da fronteira de Bela Vista (Brasil) - *Bella Vista Norte* (Paraguai), focando no léxico do português bela-vistense. Devido ao processo histórico de formação da cidade de Bela Vista e por fazer fronteira com o Paraguai, este estudo visou pesquisar o léxico dos cidadãos brasileiros. Para alcançar o objetivo traçado e fundamentar a análise proposta, recorreu-se aos conceitos teóricos ditados por Tarallo (1985) e Labov (2008), que em comum estudam a variação da língua e a consideram heterogênea. Além de apoiar-se em pesquisas sobre contato linguístico em região de fronteira como: Sturza (2004, 2005, 2006). A metodologia usada para esta análise é de natureza qualitativa e atende aos princípios de pesquisa sociolinguística laboviana, isto é, realizaram-se entrevistas *in loco* e observações dos falantes em seu contexto real de fala. Destaca-se a relevância deste estudo uma vez que registra o léxico do português bela-vistense e aponta as influências do guarani e do espanhol no léxico do lado brasileiro da fronteira.

**Palavras-chaves:** Fronteira; Contato Linguístico; Bela Vista; *Bella Vista Norte*.

**Abstract:** The objective of this article is to investigate the influence of Spanish and Guarani in Portuguese from the Bela Vista (Brazil) - *Bella Vista Norte* (Paraguay) border, focusing on the lexicon of Bela Vista Portuguese. Due to the historical process of formation of the city of Bela Vista and due to its border with Paraguay, this study aimed to research the lexicon of Brazilian citizens. To reach the objective outlined and to support the proposed analysis, we resorted to the theoretical concepts dictated by Tarallo (1985) and Labov (2008), who in common study the variation of the language and consider it heterogeneous. In addition to relying on research on linguistic contact in a border region, such as: Sturza (2004, 2005, 2006). The methodology used for this analysis is qualitative in nature and meets the principles of Labovian sociolinguistic research, that is, interviews were carried out *in loco* and observations of the speakers in their real speech context. The relevance of this study is highlighted as it registers the lexicon of the Portuguese from

---

<sup>1</sup> Mestrando em Estudos Linguísticos na Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – PPGLetras/UEMS. E-mail: [cleristonraique@gmail.com](mailto:cleristonraique@gmail.com) ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0692-3637>

Bela Vista and points out the influences of Guarani and Spanish in the lexicon on the Brazilian side of the border.

**Keywords:** Border; Language Contact; Nice view; Bella Vista North.

**Resumen:** El objetivo de este artículo es investigar la influencia del español y el guaraní en el portugués de la frontera entre Bela Vista (Brasil) y Bella Vista Norte (Paraguay), centrándose en el léxico del portugués bela-vistense. Debido al proceso histórico de formación de la ciudad de Bela Vista y su frontera con Paraguay, este estudio tuvo como objetivo investigar el léxico de los ciudadanos brasileños. Para alcanzar el objetivo planteado y sustentar el análisis propuesto, se recurrió a conceptos teóricos dictados por Tarallo (1985), Labov (2008), que en común estudian la variación del lenguaje y la consideran heterogénea. Además de apoyarse en encuestas sobre contacto lingüístico en regiones fronterizas como: Sturza (2004, 2005, 2006). La metodología utilizada para este análisis es de naturaleza cualitativa y responde a los principios de la investigación sociolingüística laboviana, es decir, se realizaron entrevistas in loco y observaciones de los hablantes en su contexto real de habla. Se destaca la relevancia de este estudio, ya que registra el vocabulario del portugués bela-vistense y señala las influencias del guaraní y del español en el lado brasileño de la frontera.

**Palabras clave:** Frontera; Contacto lingüístico; Bela Vista; *Bella Vista Norte*.

## Introdução

O espaço fronteiriço é um ambiente de constantes trocas, pois a fronteira pode ser apenas uma demarcação geográfica imaginária, enquanto que para os habitantes dessa região, a fronteira faz parte do território em que se vive. Nesse sentido, cidadãos que residem em uma região fronteiriça transitam de um país para o outro de forma lícita ou até mesmo ilícita, e esse movimento mostra como as nações estabelecem constantes trocas, sejam elas culturais, financeiras, intelectuais e principalmente linguísticas.

Um dos elementos mais marcantes da fronteira é a linguagem. Por esse motivo, o presente artigo tem a proposta de pesquisar as línguas em contato na região de fronteira, especificamente a fronteira de Bela Vista (Brasil) e *Bella Vista Norte* (Paraguai). Em outras palavras, investigou-se, partindo do viés da sociolingüística *laboviana* e dos estudos em línguas em contato, a influência do espanhol e do guarani no léxico do português bela-vistense.

Primeiramente, descreveremos o contexto histórico da Sociolingüística até chegar aos estudos labovianos. Em seguida, apresentaremos o processo histórico de formação e povoamento da cidade fronteiriça estudada, culminando assim, nos estudos que serviram de aporte teórico para a realização desta pesquisa.

Para fundamentar este estudo, em caráter qualitativo, foi utilizada a metodologia laboviana. Nessa teoria, William Labov (2008) apresenta a língua como um fator indissociável da comunidade de fala, demonstrando métodos e sistemas para analisar o aparente caos linguístico que é a língua na sua modalidade oral, e propõe que se façam entrevistas e observações nessas comunidades, para então poder sistematizar se há uma variação ou não. Além disso, este estudo apoiou-se também nos métodos de Tarallo (1985), em que o autor dita caminhos possíveis para se realizar uma pesquisa em Sociolinguística, apresentado um formulário para ser usado durante as entrevistas e métodos para se inserir na comunidade de fala com o intuito de diminuir a barreira entre o entrevistador e o entrevistado.

### **Sociolinguística e línguas em contato: um breve contexto**

Com a publicação em 1916 da obra póstuma *Curso de Linguística Geral*, do linguista Ferdinand de Saussure - escrita por seus alunos e seguidores - a linguística ganha visibilidade como um campo científico de conhecimento, já que foi fundamentado um método que usa a língua como objeto de pesquisa (CARVALHO, 2013).

Entretanto, a corrente estruturalista proposta por Saussure não dava atenção ao fator social da língua. Em verdade, pouco se preocupava com isso. Encontra-se eco dessa afirmação com a frase que encerra o livro: “a Linguística tem por único e verdadeiro objeto a língua considerada em si mesma e por si mesma” (SAUSSURE, 2012, p. 305).

Antoine Meillet, contrariando seu contemporâneo Saussure, propõe estudar o caráter social da língua. Esse linguista contradiz a dicotomia saussuriana de sincronia e diacronia, analisando a estrutura da língua pela história da mesma. Assumindo que a língua é um fator social e um sistema que tudo contém, Meillet, quando estuda o léxico e expansão das línguas, consegue dar conta do referido aspecto social apontado acima (CALVET, 2002).

Embora seja extremamente relevante a contribuição de Meillet, uma outra corrente de pensamento surgia na URSS (União das Repúblicas Socialistas Soviéticas), inicialmente proposta por Nikolai Marr, um linguista soviético que instituiu a teoria das línguas *jaféticas*, por meio da qual buscou aplicar o marxismo à linguística. O teórico soviético assegurava que todas as línguas provinham de uma só, certificando assim, o cunho da luta de classes às línguas. Nessa perspectiva, as línguas desde sua origem marcam a divisão de classes, significando então, um instrumento de poder (CALVET, 2002).

Posteriormente, o pensamento de Marr é firmado na URSS como “Nova Teoria Linguística”. Todavia, anos após sua morte, a teoria de Marr é abandonada, e um dos fatores decisivos para esse feito foi a intervenção de Josef Stalin.

Essa intervenção ocorreu com respostas dadas durante um período de discussão sobre a relevância da teoria de Marr. Contudo, os postulados de Marr não foram esquecidos completamente, visto que serviram de base teórica para estudos na China (CALVET, 2002).

Entretanto, é efetivamente com o sociólogo inglês Basil Bernstein que a Sociolinguística moderna começa a se manifestar. Bernstein foi o primeiro a estudar a condição social e a forma de falar de certos falantes. O sociólogo mencionado realizou um estudo com crianças da classe operária e da classe abastada.

Nesse estudo, Bernstein pediu para que ambos os grupos narrassem uma história em quadrinhos que não continha texto. Como resultado, as crianças da classe operária apresentaram um texto quase sem sentido, repleto de frases curtas, sem subordinação e com pouco vocabulário, ao passo que o segundo grupo produziu um texto mais emancipado e coerente. Bernstein, então, define esse fenômeno como código restrito e código elaborado. O código restrito é o único que a criança operária domina, já o código elaborado só é dominado pelas crianças do grupo abastado, embora elas também dominem o código restrito (CALVET, 2002).

Julgou-se necessário descrever esse contexto histórico para expor a base que levou a formulação da Sociolinguística. Até agora, procurou-se relatar a gênese dessa ciência e os caminhos trilhados até os dias atuais. Nesse sentido, “a sociolinguística não se apoia a um só tipo de estudo, seu interesse é amplo no que diz respeito à língua” (QUEIROZ, 2019, p. 27).

Embora haja todas essas contribuições relatadas, é com os estudos de William Labov e com sua Teoria Variacionista que a Sociolinguística foi sistematizada em um modelo capaz de elucidar a confusão aparente da língua na modalidade oral.

Carvalho (2013) assinala que Labov contraria os gerativistas, comprovando que a variação na fala pode ser sistematizada, pois em suas pesquisas o teórico americano investiga a fala dentro da sua comunidade, isto é, dentro do contexto de onde ela é produzida.

Para Labov, a língua é um fator essencialmente social, sendo impossível conceber a variação linguística sem cogitar a comunidade na qual esse processo ocorre. O autor ainda afirma que “as pressões sociais estão operando continuamente sobre a língua, não de algum ponto remoto do passado, mas como força social imanente agindo no presente vivo” (LABOV, 2008, p. 25).

Labov (2008 [1963]), em sua dissertação de mestrado, realizou uma pesquisa na ilha Martha's Vineyard, localizada no Estado de Massachusetts. Motivado por investigar a fala dos habitantes dessa região, realizou entrevistas com nativos da ilha, separando-os em grupos sociais como atividade profissional, região (parte alta e parte baixa da ilha), faixa etária e grupo étnico. Ademais, submeteu-os a testes de pronúncias para compreender porque esses habitantes centralizavam a vogal base dos ditongos [aj] e [aw].

Após as análises, Labov observou que a centralização dos ditongos estava sendo produzida pelos habitantes como forma de manter sua identidade, resgatando uma marca conservadora da língua. Dessa forma - investigando a comunidade no seu contexto real de fala e analisando características sociais e linguísticas - William Labov sistematizou a pesquisa em sociolinguística.

Como a Sociolinguística enquanto ciência possui várias áreas possíveis de pesquisa, neste artigo realizou-se um estudo apoiando-se em pesquisas de línguas em contato. Essa área de estudo é formalizada inicialmente por Weinreich, conforme asseverado por Ledegen e Pereira (2021, p. 5-6):

O conceito de língua em contato tem como referência o livro *Languages in contact*", de Uriel Weinreich, publicado em 1953. O estudo de Weinreich vem sendo utilizado para caracterizar situações nas quais a presença de duas ou mais línguas afeta o comportamento linguístico de uma comunidade. A importância do tema para a área de linguagens reside no fato de que o contato linguístico está diretamente relacionado com os processos de mudança e de variação linguística, além de fazer parte de discussões sobre as normas endógenas, os contextos de fronteiras, os movimentos migratórios, os projetos de dominação cultural.

Nessa perspectiva, Sturza (2005) afirma que os estudos em contato linguístico nas fronteiras do Brasil só se iniciam com uma pesquisa sobre o *portunhol* presente na fronteira Brasil-Uruguai. Trata-se do trabalho de José Pedro Rona, *Dialecto Fronterizo en el Norte del Uruguay*, publicado em 1965. Rona vai inaugurar o estudo sobre a linguagem nessa fronteira e servir de base para estudos posteriores sobre línguas em contato em região fronteiriça.

Sturza (2005) ainda aponta que

Se as fronteiras são sociais, se nelas vivem diferentes etnias - índios, espanhóis, árabes, portugueses, alemães, entre outros - o contato linguístico é uma consequência inevitável, e a situação das práticas linguísticas nessas regiões, de um modo geral, um campo pouco explorado pela linguística brasileira.

O número ainda escasso de trabalhos linguísticos que possam, principalmente, mapear a situação das línguas de fronteira é resultado, sobretudo da falta de organização e divulgação das pesquisas já realizadas e de uma maior focalização na questão do contato linguístico nas nossas fronteiras por parte da linguística brasileira. A exceção tem sido o grande interesse pelas línguas indígenas, principalmente, na bacia do rio Amazonas (STURZA, 2005, p.47).

Desse modo, as pesquisas sociolinguísticas voltadas ao contato linguístico nas dez fronteiras internacionais do Brasil vêm se edificando e se solidificando. Os estudos da Professora Eliana Rosa Sturza são catalisadores na pesquisa de línguas em contato na região de fronteira, sendo referencial teórico frequentemente utilizado para outros trabalhos sobre contato linguístico em fronteira.

No estado de Mato Grosso do Sul, por ser uma Unidade Federativa brasileira que faz fronteira com dois países, também começam a surgir pesquisas que tratam das línguas em contato na região fronteira com o Paraguai e a Bolívia.

Como exemplo, pode-se citar a dissertação de mestrado de Ione Dalinghaus intitulada *Alunos brasiguaios em escola de fronteira Brasil/Paraguai: um estudo linguístico sobre aprendizagem do português em Ponta Porã, MS*. Em seu estudo, a autora verificou a interferência do espanhol e do guarani no processo de alfabetização e afirma que com o decorrer do tempo a interferência diminui. Outra fronteira no estado é a cidade de Corumbá, que faz limite com a Bolívia. Nesse espaço fronteiro, os trabalhos da professora do Campus Pantanal da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), Rosângela Villa da Silva, são extremamente significativos. Um desses estudos é o livro *A linguagem dos pescadores de Corumbá – MS: uma abordagem sociolinguística* (UFMS, 2008), realizado em conjunto com Deusdélia Pereira de Almeida. As estudiosas investigam aspectos fonéticos da comunidade dos Pescadores Profissionais Artesanais, mostrando acordos sociais e históricos dessa comunidade.

Na região onde ocorreu esta pesquisa, cita-se a dissertação de mestrado *Ordem VS (Verbo e Sujeito) no português da fronteira* (1987), de Arlete Saddi Chaves. A autora propôs que a ordem VS no português da fronteira de Bela Vista é uma influência da ordem VS presente no espanhol do país vizinho, o Paraguai.

Há também a dissertação de mestrado de Ana Carina Ribeiro nomeada *Variação da linguagem em Bela Vista, MS*. Em seu trabalho, Ribeiro observou a variação semântica-lexical dos nascidos ou residentes há mais de quinze anos em Bela Vista. Através de entrevistas com base no Atlas linguístico de Mato Grosso do Sul, Ribeiro pôde analisar e afirmar que em Bela Vista (Brasil) o português sofre influência do espanhol falado de *Bella Vista Norte* (Paraguai).

Outro trabalho relevante a respeito da questão da fronteira linguística é a dissertação de mestrado de Márcio Palácios de Carvalho, intitulada *Fotografia Sociolinguística das vogais médias em duas escolas na cidade de Bela Vista-MS/Fronteira Brasil - Paraguai*. Em sua pesquisa, o referido estudioso propõe que as vogais médias sofrem influência do espanhol. Carvalho verificou essa ocorrência em duas escolas da região fronteira, visto que muitos alunos residentes ou descendentes de paraguaios estudam

no lado brasileiro da fronteira. Como resultado, certificou-se que há uma tendência da não ocorrência dos processos linguísticos propostos em seu estudo.

Diante dos trabalhos expostos e suas relevâncias, esta pesquisa visa contribuir com os estudos lexicais da região fronteira de Bela Vista (Br) e *Bella Vista Norte (Py)*, pautando-se pelos conceitos da Sociolinguística laboviana e com suporte dos estudos acerca das línguas em contato em região de fronteira. Busca-se assim, colaborar com os estudos futuros neste local ímpar e de grande riqueza linguística.

Antes, porém, faz-se necessário discutir sobre a fronteira, voltando-se assim, para a história e identidade dessa região. O próximo tópico objetiva apresentar os conceitos sobre fronteira e relatar o processo histórico da territorialidade fronteira estudada neste artigo.

### **Brasil e Paraguai: uma fronteira imaginária**

O Brasil possui um território continental, perfazendo assim, fronteiras terrestres com dez países. São eles: Uruguai, Argentina, Paraguai, Bolívia, Peru, Colômbia, Venezuela, Guiana, Suriname e o Departamento Ultramarino Francês da Guiana.

Uma das definições que o *Dicionário Aurélio* (2004, p. 940) traz sobre fronteira é: “1. Limite de um território no extremo onde confina com outro”, isto é, um local onde geograficamente se encerra um espaço territorial e se inicia outro.

Além disso, existe a definição de Faixa de Fronteira, um espaço territorial maior e que compreende a dimensão cultural, identitária e comercial entre os países. De acordo com a Lei nº 6.634, de 2 de maio de 1979, no seu Art. 1º, essa expressão é entendida como: “considerada área indispensável à Segurança Nacional a faixa interna de 150 km (cento e cinquenta quilômetros) de largura, paralela à linha divisória terrestre do território nacional, que será designada como Faixa de Fronteira<sup>2</sup>”.

Essa Lei regulamenta construções que liguem os países na dita Faixa de Fronteira, bem como estabelece relações comerciais, assegurando a predominância de trabalhadores brasileiros e capital destinado à República Federativa do Brasil.

Todavia, a fronteira vai muito além dessas definições. Para Oliveira (2015), as fronteiras não podem ser entendidas como espaços monótonos, uniescalares ou anti-históricos, porque essas leituras espaciais fragmentárias promovem um empobrecimento das dinâmicas do meio geográfico transfronteiriço. A lógica territorial da fronteira é multimodal, intercultural, fluída, mutável e

---

<sup>2</sup> Disponível em: < [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/16634.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/16634.htm)>. Acesso em: 25 dez. 2021.

multiescalar, portanto, abriga ordens e processos globais assim como locais em dinâmica de convergência, mas também de divergência de interesses.

Nesse sentido, Núñez (2010) afirma que “La frontera, se ha dicho, tiene un ritmo binario: puede ser un límite, un final – prohibido a veces-, o un camino abierto, una ruta que comienza”<sup>3</sup> (NÚÑEZ, 2010, p. 3). Em outras palavras, a região de fronteira é um espaço rico em cultura, história e vivências.

Sendo assim, a noção de território fronteiriço ultrapassa as definições jurídicas e geográficas, conforme dito por Oliveira (2016, 2016, p. 70)

As fronteiras se ressignificam nesse novo contexto mundial, deixam de ser áreas anômalas no corpo do Estado Nação homogêneo: as suas características culturais e linguísticas passam a ser a normalidade. Deixam paulatinamente de ser periferias, consagradas, no imaginário de tantos, ao contrabando, ao tráfico, à criminalidade, e se colocam no centro dos processos integracionistas, do fluxo de pessoas, mercadorias e conhecimento.

Diante das inúmeras possibilidades de estudos linguísticos fronteiriços, este artigo voltou-se para o Estado de Mato Grosso do Sul, localizado no Centro-Oeste brasileiro, com uma população de 2.713.147 habitantes (IBGE, 2014). Dos seus 79 municípios, 45 estão localizados na Faixa de Fronteira. Desses, 11 são considerados municípios fronteiriços, sendo 10 cidades que fazem fronteira com o Paraguai e uma com a Bolívia. O estudo proposto inclinou-se para o município de Bela Vista como objeto desta pesquisa, por ser uma das fronteiras com o Paraguai no Estado de Mato Grosso do Sul.

Bela Vista possui registros históricos datados de 1801, relatando uma fortificação espanhola, fundada pelo Capitão Juan Caballero. Mais tarde, foi invadida e destruída pelo povo originário Guaicuru. Esses indígenas guerreiros foram responsáveis por manter uma demarcação imaginária entre Brasil e Paraguai, pois os paraguaios não ultrapassavam o rio Apa, em razão de saberem que o outro lado do rio era dominado pelos Guaicurus (CARVALHO, 2013).

Com o intuito de expandir o território paraguaio, visando prosseguir com o desenvolvimento nacional, além de combater o isolamento que sofria, Francisco Solano López Carillo, em 1862, começou investidas para além das fronteiras paraguaias. Em resposta, Brasil, Argentina e Uruguai assinaram o tratado que formalizou a Tríplice Aliança. Esse evento é conhecido como Guerra do Paraguai (CARVALHO, 2013).

---

<sup>3</sup> “A fronteira, se disse, tem um ritmo binário: pode ser um limite, um final – proibido às vezes -, ou um caminho aberto, uma rota que começa.”



Durante a Retirada da Laguna, no dia 11 de maio de 1867, ocorreu a batalha de Nhandipá, onde hoje é a cidade de Bela Vista. Esse confronto deixou 230 mortos e 300 mil feridos (CARVALHO, 2013).

Em memória aos combatentes brasileiros e paraguaios, foi edificado um monumento internacional no local onde ocorreu essa batalha, conforme se pode verificar nas imagens reproduzidas abaixo:

FIGURA 1 - Monumento internacional Nhandipá.



Fonte: do autor

FIGURA 2 - Monumento internacional Nhandipá



Fonte: do autor

Após a Guerra, muitos ex-combatentes brasileiros e paraguaios permaneceram na região de Bela Vista. Os paraguaios que ali ficaram, estavam tentando evitar a crise por que sua nação passou, por consequência desse evento. Somado a essa nova população, houve uma outra corrente de povoamento, proporcionada pela companhia Mate Laranjeira, que beneficiou-se explorando as terras devolvidas ao fim dos combates (CARVALHO, 2013).

Com esse breve contexto histórico, fica evidente que Bela Vista é uma região que passou por vários momentos marcantes, desde o início do seu processo de formação, a Princesa do Apa está em contato direto com a nação vizinha, proporcionando uma identidade bastante peculiar para esse território fronteiriço.

Bela Vista é cercada por cultura e costumes paraguaios, por exemplo, nos mercados e padarias encontram-se comidas paraguaias como *coquito*, *chipa*, *caburé* e *sopa paraguaia*. Ademais, é extremamente comum encontrar veículos automotores, como carros e motocicletas, estampando placas com a bandeira da *República del Paraguay*.

Portanto, como resultado de intensas trocas, a língua nessa região também assume um valor importante. Ao andar pelas ruas bela-vistenses, com um olhar mais atento, é possível ouvir outras línguas, o guarani e o espanhol, línguas nacionais do Paraguai. Nesse sentido, Sturza e Tatsch (2016, p. 85) sustentam que

A fronteira é um lugar com divisões geopolíticas que não só configuram um espaço social e político particular, no qual a natureza dos contatos que nela se produzem se materializa nas práticas linguísticas dos falantes como também é este lugar particularizado. Uma fronteira geopolítica, social e cultural que afeta o modo como os sujeitos se relacionam com as línguas às quais estão expostos. Portanto, os sujeitos que estão inseridos nestas comunidades fronteiriças se significam pelas línguas que escolhem enunciar. E esta escolha é política.

As pesquisadoras afirmam que o uso de determinada língua é uma escolha política, o que é visível nas fronteiras do Mato Grosso do Sul, onde apesar de muitas famílias falarem três línguas, o português quase sempre é a língua privilegiada e mais utilizada nesse território.

A preferência pelo uso do português nas relações oficiais surge das políticas quinhentistas de manter uma única língua no território brasileiro, conforme assevera Oliveira (2016, p. 62):

A ideia de que faz parte da identidade nacional falar português e somente português foi herdada pelo Brasil dos modos de construção do Estado Português, do qual o Estado brasileiro é uma transposição para outra base geográfica: um nacionalismo linguístico que marcava a fronteira em relação a tudo o que era hispânico, por exemplo, e ajudava o pequeno retângulo que é Portugal a se defender da poderosa vizinha, a Espanha.

Seguindo esta postura, o Paraguai também sofreu uma política semelhante. Após a Guerra do Paraguai, o Estado paraguaio iniciou campanhas de apagamento do guarani. Entretanto, a língua sobreviveu, principalmente dentro dos convívios familiares e mais evidentemente no meio rural. Por fim, o guarani resistiu como uma identidade nacional, mas só foi reconhecido como língua nacional em 1992 e passou a ser ensinado nas escolas em 1994 (RODRÍGUEZ, 2000).

Dessa forma, Queiroz (2019) assevera que a

Língua, portanto, é uma noção cultural, produto da história; é um fato político e, desse modo, depende do poder instituído e da conjunção e correlação de forças sociais no curso da história. Nesse âmbito sociocultural, as línguas se constroem por meio de processos de integração que giram em torno da elaboração de normas modelares, às quais se subordinam as variedades faladas, autênticas (QUEIROZ, 2019, p. 23).

Todavia, a lógica fronteiriça ultrapassa os limites impostos pelos países em seus limítrofes terrestres. A fronteira assume um caráter próprio, onde as línguas que ali circulam, manifestam-se conforme a necessidade do falante. Sendo assim, Oliveira (2016) pondera que

Ser da fronteira, portanto, é pertencer a uma comunidade de prática: em muitos casos aquela que usa, em maior ou menor grau, diferentes línguas em contextos adequados, alternando-as, ou conversando em mais de uma língua concomitantemente, mesmo que às vezes apenas passivamente, e mesmo que às vezes a contragosto (OLIVEIRA, 2016, p. 64).

Portanto, este artigo visa estudar o contato entre Brasil e Paraguai, manifestado na fronteira Bela Vista - *Bella Vista Norte*. Assume-se que as evidências de expressões linguísticas nessa região são decorrentes do encontro de línguas faladas no espaço fronteiriço. Durante o processo de levantamento bibliográfico encontraram-se afirmações como as de Souza (2009), que são transcritas a seguir:

[...] enquanto além da fronteira se mantém o espanhol e o guarani, com fidelidade, do lado de cá, a herança linguística dos paraguaios foi sendo fortemente incorporada pelos brasileiros. O verbo *sampar* (do espanhol *zampar*), cujo sentido é arremessar, atirar com força, é de uso corrente na fronteira de Bela Vista: o *belavistense* *sampa* uma pedra ou um tapa. Nessa cidade não existe *tempestades*, mas *tormentas* e a sala de jantar é o *comedor*. É comum se ouvir expressões do tipo, *a cobra picou pra ele*, significando que a cobra o picou. E as expressões e gírias do dia a dia são ditas sempre em guarani, como *carái* (no lugar de “seu” fulano) e *cunhãporã* (no lugar de moça bonita), por exemplo (SOUZA, 2009, p. 117-118).

Outra motivação deste estudo é a ascendência paraguaia do pesquisador, tendo um avô que nasceu na fronteira e morou muitos anos em Bela Vista, sempre ouviu histórias relatando que seu avô alcunhava sua avó de *cunhãporã*. Tal fato acabou por desdobrar nesta pesquisa, pois, reconhece-se que a identidade fronteiriça não se limita apenas no falar da região, com suas palavras e acentuação peculiares mas, na definição dada por Carvalho (2013), há outros fatores que envolvem essa questão:

Assim, para aqueles que vivem numa região de fronteira, essa instabilidade gerada pelo encontro de dois “mundos” é algo que passa quase que despercebido. Nesse espaço há um entrelaçamento de culturas, fazendo com que muitos moradores dominem mais de uma língua, além da mudança de ritmos musicais, costumes, crenças que se tornam parte do cotidiano, cria-se, assim, uma espécie de identidade fronteiriça, exteriorizada pelo uso da palavra *Brasiguai* (CARVALHO, 2013, p. 22).

Este tópico objetivou-se em apresentar os diferentes conceitos de territorialidade fronteiriça, perpassando a formação histórica da região de Bela Vista. Não obstante, relataram-se as percepções sobre o sujeito fronteiriço e como uma das suas características é o manifestar-se por meio da fala. Antes, porém, de iniciar a análise dos dados coletados da pesquisa *in loco*, será abordada, no próximo tópico, a metodologia adotada neste artigo.

### **Metodologia: entre materiais e seus métodos**

Em se tratando de uma pesquisa sociolinguística, este estudo possui um caráter qualitativo, já que os dados levantados decorreram de observações da fala cotidiana usada pelos cidadãos bela-vistenses.

“Considerando que a pesquisa qualitativa não requer limite mínimo de sujeitos e objetos investigados para que seja considerada representativa do fenômeno estudado [...]” (BARROS, 2017, p. 24), este pesquisador entrevistou duas pessoas que nasceram e vivem na região de fronteira.

Como este trabalho debruça-se sobre os pressupostos de William Labov (2008), as observações e as gravações foram realizadas *in loco*, respeitando assim, o que Labov propôs, isto é, a sociolinguística laboviana estuda a fala em seu contexto real de uso pelos seus falantes.

Conforme assinala Tarallo (1985),

Para se fazer uma pesquisa sociolinguística, é necessária uma grande quantidade de informações, sem que o pesquisador interfira no processo, pois o resultado pode ser prejudicado; e como se pretende analisar a língua falada em situações *naturais* de diálogo; como fazer para reunir uma quantidade de material, sem que o observador interfira na maneira natural de expressar do público pesquisado? Na perspectiva de não influenciar no resultado, o método de entrevista sociolinguística é o de minimizar o efeito negativo. O pesquisador da área de sociolinguística precisa, portanto, participar diretamente da interação. É claro que, sendo especialmente interessado na comunidade como um todo, ele também se utilizará do método de observação no momento de adentrar a comunidade de falantes. Sua participação direta na interação com os membros da comunidade é, no entanto, uma necessidade imposta pela própria orientação teórica (TARALLO, 1985, p. 20, grifo do autor).

Nesse sentido, a primeira dificuldade apresentada durante a pesquisa foi transpor a relação entre investigador e investigado, visto que o pesquisador é uma pessoa de fora da comunidade. Para esse fim, buscou-se conversar com bela-vistenses próximos aos que hospedaram o pesquisador.

Durante as entrevistas, foi seguido um roteiro inicialmente proposto por Tarallo em seu livro *A pesquisa sociolinguística* (1985). Outra estratégia usada no decorrer das gravações foi a de evocar sentimentos, com o intuito de fazer os entrevistados esquecerem que estão sendo gravados e assim, apresentar uma fala não monitorada, como a que se ouviu antes e depois das entrevistas. Essa estratégia é salientada por Labov (2008) e Tarallo (1985).

Por fim, encontrando eco nos métodos labovianos, o pesquisador também realizou observações sem gravações. Labov (2008) argumenta que esse procedimento possui um déficit, pois não é capaz de registrar fielmente a fala. No entanto, como este trabalho ocupou-se em estudar o léxico presente em Bela Vista, essa abordagem foi extremamente relevante.

### **Análise - Bela Vista (BR) e *Bella Vista Norte (PyY)*: um estudo das línguas em contato na Fronteira Ms-Py**

As observações para este artigo começaram durante a viagem a Bela Vista. O pesquisador se deslocou até a cidade pedindo carona à beira da estrada. Em um trecho, o final de Guia Lopes da Laguna, o investigador conseguiu uma carona até a saída de Jardim que leva à cidade de Bela Vista. Durante o trajeto, entre as conversas, o motorista, que é habitante de Jardim, mas nasceu em Bela Vista, pronunciou a expressão “Masquá”. Entretanto, dadas as condições físicas e psicológicas do investigador, não foi argumentado o significado desse vocábulo.

Chegando em Bela Vista e deslocando-se até a casa onde seria hospedado, o pesquisador pôde observar, em alguns comércios, pessoas falando em guarani, visto que não compreendia entre as falas nem palavras em português e nem em espanhol.

Em Bela Vista, o uso do português é predominante, e isso está em conformidade com as teorias apresentadas, porque, em regiões onde há mais de uma língua sendo usada, haverá uma que se destaca. No entanto, devido aos processos históricos e contato direto com o Paraguai, é impossível que não surjam variações fonéticas, fonológicas, sintáticas e lexicais.

Sendo o léxico o recorte deste artigo, foram realizadas duas entrevistas baseadas nos métodos labovianos, com a intenção de evocar vocábulos característicos da fronteira estudada. Contudo, foi através das observações do cotidiano dos bela-vistenses que se obteve um maior número de expressões para realizar a análise deste trabalho.

Em relação às entrevistas, cumpre ressaltar que uma foi realizada com uma pessoa nascida no Brasil, mas que reside no Paraguai, que trabalha na área da educação no município de Bela Vista. A segunda entrevista aconteceu com uma pessoa nascida em outra fronteira, Ponta Porã - Pedro Juan Caballero. Entretanto, reside em Bela Vista desde criança e hoje atua na área da segurança nacional brasileira.

Apesar de as entrevistas usarem estratégias labovianas para elucidar vocábulos com influência do guarani e espanhol, ocorreu o esperado paradoxo do entrevistado, isto é, após iniciar a gravação, os informantes mantiveram suas falas monitoradas, mesmo depois de questionamentos que evocavam sentimentos. Portanto, preferiu-se usar as observações das falas empregadas em ambiente não monitorado.

Acolhido por uma família que reside próxima à divisão internacional, o pesquisador deparou-se com uma vizinhança na qual podia-se ouvir pessoas falando em guarani no meio familiar. Porém, quando conversavam com outros residentes da rua, usavam o português.



Em conversas informais, essas pessoas, ao se aproximarem, pronunciavam “¿Há’upei?”, que em guarani significa “E aí?”. O mesmo ocorre quando se atravessa a fronteira, ainda que nos comércios paraguaios os atendentes saibam falar o português e notem que quem se aproxima é brasileiro, optam por iniciar uma conversa com essa expressão. Esse fato foi observado quando o investigador foi levado ao Paraguai para realizar uma das entrevistas.

Durante o período em que estive em Bela Vista, o pesquisador ouviu novamente, na casa onde estava hospedado, a expressão “Masquá” e ao indagar os residentes o significado, foi relatado que esse termo é usado como uma interjeição, semelhante ao verbete “Bah”, utilizado pelos sulistas brasileiros. “Masquá” é tão presente no cotidiano bela-vistense que existe um comércio, em uma das ruas principais do município, com o mesmo nome, conforme as reproduções das imagens 3 e 4.

FIGURA 3 - Masquá Café



Fonte: do autor

FIGURA 4 - Masquá Café



Fonte: do autor

Não se pode afirmar com precisão a origem dessa expressão, uma vez que em guarani “*Quá*” significa buraco e “*Mas*” pode ser do espanhol “*Mas*”, conjunção adversativa equivalente ao “porém” em português. Ressalta-se que se observou muito o uso desse vocábulo entre os belavistenses.

Outro vocábulo testemunhado durante a estadia em Bela Vista foi a expressão “Choveu grande”. O pesquisador chegou à Princesa do Apa poucos dias após uma chuva forte e durante os dias em que esteve em Bela Vista, conversando com os residentes da rua onde estava acolhido, notou-se mais de uma vez que eles falaram: “aquele dia que choveu grande aqui” ou “você lembra daquele dia que choveu grande?” Uma hipótese para essa expressão é a influência do espanhol, já que “*grande*” pode ser traduzido como forte em português em determinadas situações.

### **Considerações finais**

Esse artigo teve como objetivo pesquisar a influência do espanhol e guarani no português de Bela Vista, fronteira com o Paraguai. Inclinou-se em analisar o léxico dessa região, visto que os estudos nessa cidade estão voltados para aspectos linguístico fonéticos, fonológicos ou sintáticos.



Com base na bibliografia consultada e a vivência com pessoas providas dessa fronteira, constatou-se que existe um falar próprio em Bela Vista. À luz dos pressupostos teóricos e metodológicos da sociolinguística laboviana, observaram-se alguns vocábulos característicos da região estudada.

Devido ao contexto pandêmico, não foi possível passar um período maior na comunidade de fala. Acredita-se que, em estudos futuros, ao ultrapassar a barreira entre entrevistador e entrevistado, convivendo mais tempo na região fronteira de Bela Vista, será possível realizar uma pesquisa com um número maior de dados.

Apesar das limitações, almeja-se que este trabalho possa servir de base para investigações futuras, sejam elas sociolinguística ou estudos fronteiriços, uma vez que a natureza desta pesquisa vai além do campo linguístico, porque contempla os processos históricos e descreve a identidade fronteira de Bela Vista.

Por ser a fronteira um espaço imaginário, onde o trânsito de pessoas e culturas é diário, verificou-se que a língua da comunidade fronteira de Bela Vista reflete toda essa dinâmica da fronteira, sendo ela também um fator marcante da identidade desses sujeitos fronteiriços.

Por fim, conclui-se que devido ao processo histórico de formação e povoamento de Bela Vista, existe um falar próprio dessa comunidade. Neste estudo, apresentaram-se vocábulos usados por brasileiros e paraguaios que residem no Brasil e falam português e que confirmam assim o que foi proposto como objetivo desta pesquisa: há influência do guarani e do espanhol na fala dos belavistenses, a qual requer um estudo lexical mais aprofundado e é um campo bastante instigante para novas pesquisas.

## Referências

BARROS, Adriana Lúcia de Escobar Chaves de. *Fronteira(s) / Brasil: narrativas sobre (de)colonialidade, culturas, línguas e identidade*. Campinas: Pontes, 2017.

CALVET, Louis-Jean. *Sociolinguística: uma introdução crítica*. São Paulo: Parábola, 2002.

CARVALHO, Márcio Palácios de; BUENO, Elza Sabino da Silva. As Linguagens em contato numa escola pública de Bela Vista-MS: fronteira Brasil-Paraguai. *Web-Revista SOCIODIALETO*, v. 3, n. 9, 2013.

CARVALHO, Márcio Palácios. *Fotografia sociolinguística das vogais médias em duas escolas na cidade de Bela Vista-MS/fronteira Brasil-Paraguai*, 2013, p. 131f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-graduação Stricto Sensu em Letras, Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Campo Grande-MS, 2013.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Verbete Fronteira*. In: *Dicionário Aurélio da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2004.

IBGE. *Faixa de fronteira*. Instituto Brasileiro de Geografia Estatística, 2001. Disponível em <<http://www.ibge.gov.br/home/geociencias/geografia/fronteira.shtm>>. Acesso em: 25 dez. 2021.

LABOV, William. *Padrões sociolinguísticos*. Tradução Marcos Bagno, Maria Marta Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paul: Parábola Editorial, 2008.

LEDEGEN, Gudrun; PEREIRA, Telma. Línguas em contato: perspectivas sociolinguísticas. *Gragoatá*, Niterói, v.26, n.54, p. 5-10, 2021. Disponível em <<https://doi.org/10.22409/gragoata.v26i54.48792>> Acesso em: 14 dez. 2021.

NÚÑEZ, Ángel. Las Fronteras en America Latina y el Caribe: una introducción al tema. In. PADOIN, Maria Medianeira; CLAVAL, Paul; OLIVEIRA, Tito Carlos Machado de. (orgs). *Dilemas e Diálogos Platinos Fronteiras*. Dourados: UFGD, 2010.

OLIVEIRA, Tito Carlos Machado de. Para além das linhas coloridas ou pontilhadas – reflexões para uma tipologia das relações fronteiriças. *Revista da Anpege*, v.11, n.15, jan-jun. 2015, p. 233-256.

OLIVEIRA, Gilvan Müller de. Línguas de fronteiras, fronteiras de línguas: do multilinguismo ao plurilinguismo nas fronteiras do Brasil. *Revista GeoPantanal - UFMS/AGB -Corumbá/MS*, n. 21, p. 59-72, Jul./Dez. 2016.

OLIVEIRA, Tito Carlos Machado de. Uma fronteira nas malhas da rebeldia e da criatividade. *Cadernos de Estudos Culturais*, v. 14, p. 32-55, 2015.

QUEIROZ, Adriana Aparecida das Neves de. *Contato entre línguas na tríplice fronteira Brasil, Colômbia e Peru: A influência do espanhol no português tabatinguense*. 108 p. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Letras), Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, 2019.

RIBEIRO, Ana Carina Ribeiro. *Variação da linguagem em Bela Vista, MS*. Três Lagoas, 2008. Dissertação de Mestrado - Programa de Pós-graduação em Letras da UFMS-CPTL.

RODRÍGUEZ-ALCALÁ, Carolina. *Língua, nação e nacionalismo: um estudo sobre o guarani no Paraguai*. 2000. 254p. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, SP. Disponível em:

[http://acervus.unicamp.br/index.asp?codigo\\_sophia=206445](http://acervus.unicamp.br/index.asp?codigo_sophia=206445). Acesso em: 14 dez. 2021

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Linguística Geral*. Organização Charles Bally e Albert Sechehaye; com a colaboração de Albert Riedlinger; prefácio à edição brasileira de: Isaac Nicolau Salum; [tradução Antônio Chelini, José Paulo Paes, Izidoro Blikstein]. - 28. ed. - São Paulo: Cultrix, 2012

SOUZA Ana Aparecida Arguelho de. O balaio do bugre Serejo: História, memória e linguagem. *Patrimônio e Memória*. UNESP – FCLAs – CEDAP, v. 5, n. 2. p. 114-132- dez. 2009.

STURZA, Eliana Rosa. Fronteiras e práticas lingüísticas: um olhar sobre o portunhol. *Revista Internacional de Lingüística Iberoamericana*. RILI, volume I (3). Madri: Editorial Vervuert, 151-160, 2004.

STURZA, Eliana Rosa; TATSCH, Juliane. As Fronteiras e as línguas em contato: uma perspectiva de abordagem. *Cadernos de Letras da UFF Dossiê: Línguas e culturas em contato* n° 53, p. 83-98.

STURZA, Eliana Rosa. Línguas de fronteira: o desconhecido território das práticas lingüísticas nas fronteiras brasileiras. *Cienc. Culto.* São Paulo, v. 57, n. 2, pág. 47-50, junho de 2005. Disponível em <[http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0009-67252005000200021&lng=en&nrm=iso](http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252005000200021&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 14 dez. 2021.

STURZA, Eliana Rosa. *Letras e Instrumentos Linguísticos*, n.18, jul./dez. 2006. Campinas, SP: Universidade Estadual de Campinas: Pontes Editores, 2006. p.101-121.

TARALLO, Fernando. *A pesquisa sociolinguística*. 1985. São Paulo: Ática, 1985.

Recebido em: 26/6/2022

Aprovado em: 9/9/2022